

sos sobre gênero, raça e sexualidade, recorreremos aos índices linguísticos de Silverstein (2003) e para imagens, embasamo-nos na proposta de Kress & Leuman (1996), especificamente, o posicionamento das imagens que estão em primeiro plano e as cores. Considerando que estamos em um momento de reflexividade sobre nós mesmos, na perspectiva de Rampton (2006), podemos observar que ao longo dos textos multimodais de Rico Dalasam, ele encena, transgressivamente, performances discursivas de raça, gênero e sexualidade que desconstruem as performances tradicionais esperadas por um homem, negro, gay. As práticas transgressivas de raça, gênero e sexualidade o constroem como um homem negro que adota o cabelo diferente em cada clipe, com roupas coloridas nas cores amarelas, azuis, calça colada, cabelos loiros cumpridos em um momento e em outros não. Ao longo do estudo, foi possível perceber que o cantor se reinventa e transgride ao encenar performances não hegemônicas de raça, gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** Rico Dalasam; negritude, homossexualidade, performance, performatividade.

## Simp 6

### Memórias e Práticas Identitárias no contexto da Economia Solidária

Maria de Lourdes Borges  
Universidade La Salle

O objetivo do presente simpósio é apresentar discussões sobre um conjunto de temas que abrange as práticas identitárias e sua relação com a memória coletiva, memória organizacional e memória institucional. Nesse sentido, a interdependência entre memória e identidade (CANDAU, 2011, 2014) emerge por meio de processos comunicativos (CABECINHAS et al, 2006) e de práticas discursivas dinâmicas que podem legitimar a memória institucional (COSTA, 1997) a partir da prática de processos de armazenamento, compreensão e compartilhamento de informações e de conhecimentos nas organizações (WALSH; UNGSON, 1991; TERRA; GONDON, 2002; ROWLINSON, 2010). Além disso, o ponto de vista da abordagem da etnometodologia (GARFINKEL, 1967; LEVINSON, 1983; COULON, 1995) pode trazer avanços ao procurar compreender como as pessoas constituem sua real-

idade social, colocando o ser humano no centro dos estudos. As discussões apresentadas neste simpósio têm como eixo norteador o grande contexto empírico da economia solidária, a partir do estudo de atores como cooperativas de reciclagem, incubadoras tecnológicas de cooperativas populares e de catadores. As comunicações apresentadas incluem (i) uma análise das percepções de trabalho de um catador brasileiro no contexto dos biffins da França sob a perspectiva das práticas identitárias; (ii) uma reflexão teórica sobre como a memória organizacional e a memória institucional podem ser compreendidas a partir dos processos de gestão de cooperativas de reciclagem; (iii) uma discussão sobre relações entre memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia, especialmente pensando-as em um contexto de economia solidária e (iv) uma análise sobre como a memória organizacional emerge no contexto de uma incubadora de cooperativas populares (ITCP).

### Memória e práticas identitárias no contexto dos Biffins da França

Daiana Schwengbe - Universidade La Salle

O objetivo deste artigo é analisar as percepções de trabalho de um catador brasileiro no contexto dos biffins da França sob a perspectiva das práticas identitárias. Na França, os catadores são conhecidos como “biffins” e trabalham com restauração e revitalização de objetos, móveis e eletroeletrônicos, vendidos em feiras monitoradas pelo poder público denominadas “mercados de pulgas” (RULLAC et al. 2012). Por meio de apoio do Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR) em outubro de 2017, um catador realizou intercâmbio de 22 dias na Associação Amelior, em Montreuil/França. A metodologia é qualitativa e exploratória. Os dados são: observações in loco (em Montreuil) e três entrevistas com o catador, as quais foram transcritas e usada análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Durante o período de intercâmbio, o catador auxiliou nas coletas de materiais e participou de dois “mercados de pulgas”. Os resultados denotam que em ambos os países a matéria prima do trabalho é o que Eigenheer (2009) chama de “restos da sociedade”. Pode-se questionar então, o quanto as práticas identitárias dos biffins estão sujeitadas como sendo “restos da sociedade”? Esse questiona-

mento diz respeito aos aspectos das práticas identitárias que se referem à uma organização composta de excluídos do trabalho como pobres, imigrantes e refugiados, para os quais a realidade é dura e inclui, por vezes, fugir da polícia enquanto trabalham nos mercados de pulgas. Dessa maneira, a partir de tais “restos” a memória vai se reconstruindo por meio de processos comunicativos que refletem identidades sociais e trajetórias pessoais (CABECINHAS et al, 2006) marcadas por exclusão. Finalmente, observa-se que a identidade dos biffins está em constante reelaboração a partir de suas memórias que incluem o que o entrevistado denomina de um misto de trabalho e luta, recheado por práticas e sentimentos que se expressam na linguagem (CANDAU, 2016).

**Palavras-chave:** Práticas identitárias; Catadores; Memória.

### **Memória organizacional e institucional na gestão de cooperativas de reciclagem**

Rita de Cássia R.S. Brochier  
Universidade La Salle

Conjectura-se que a memória organizacional e a memória institucional possam integrar os processos de gestão de cooperativas de reciclagem (GROSS, 2015). O objetivo deste artigo é apresentar um esboço teórico de como a memória organizacional e a memória institucional podem ser compreendidas a partir dos processos de gestão de cooperativas de reciclagem. Para tal, parte-se da abordagem da memória organizacional que se refere ao armazenamento, à compreensão e ao compartilhamento de informações e de conhecimentos que vivificam os processos organizacionais (WALSH; UNGSON, 1991; TERRA; GONDON, 2002), da memória institucional entendida como “um jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas” (COSTA, 1997, p.9). Diferentemente de empresas tradicionais, o cooperativismo se embasa em valores e premissas como: compartilhamento de ideias que possam beneficiar o coletivo, solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade (OCB, 2017). Os resultados das interseções teóricas denotam que enquanto a memória organizacional busca compreender, armazenar e compartilhar informações dos processos, por meio dos membros da organização (WALSH; UNGSON, 1991; TERRA; GONDON, 2002) tal compartilhamento pode ser en-

tendido como uma recriação de práticas sociais cotidianas que, quando ritualizadas, tendem a se cristalizar ao longo do tempo (COSTA, 1997), o qual remete ao papel da memória institucional que é o de buscar a legitimidade do coletivo por meio das práticas discursivas no presente (COSTA, 1997). Quando esses aspectos são pensados para o cooperativismo popular, observa-se que a memória institucional é recriada a partir do momento em que dado coletivo consegue vivenciar um modelo de produção que promove a transformação da realidade social (LEOPOLDINO, 2008) por meio da geração de trabalho e renda de modo autogestionário (SINGER, 2011; BROCHIER, 2015), diante de práticas discursivas solidárias e agregadoras, evidenciadas na participação dos cooperados (BROCHIER, 2015), as quais emergem em um ir e vir entre as memórias organizacional e institucional.

**Palavras-chave:** Memória institucional; memória organizacional; cooperativas de reciclagem

### **Memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia na economia solidária**

Ana Lerida Pacheco Gutierrez  
Maria de Lourdes Borges  
Universidade La Salle

Este trabalho propõe uma discussão teórica sobre as relações entre memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia, especialmente pensando-as em um contexto de economia solidária. O referencial teórico baseia-se em Russel (2006), que aborda a memória coletiva antes e depois de Halbwachs, bem como Apfelbaum (2010), que destaca as propriedades sociais da memória. Candau (2011, 2014) aprofunda as relações entre memória e identidade, uma vez que é a memória que a fortalece, de forma que restituir a memória do indivíduo equivale a restituir sua identidade. A etnometodologia (GARFINKEL, 1967; ; LEVINSON, 1983; COLON, 1995; ARMINEM, 2006; BISPO; GODOY, 2012) se mostra coerente com tais abordagens teóricas, pois ela visa entender o que as pessoas realmente fazem, como elas realizam ou não ações, no caso, em suas cooperativas ou coletivos de trabalho e como constituem sua realidade social. Para isso é preciso que o pesquisador observe o que as pessoas estão fazendo, incluindo como percebem as suas ações e as das outras pessoas, como fazem sentido delas; enfim, que olhe as ações